

## EDUCAÇÃO

Teresa estuda Sociologia no ISCTE. Orgulha-se em ser cigana mas a tradição não se orgulha de ela estudar. Por respeito à família, não se expõe



**Mudança** Cada vez mais raparigas de etnia cigana estudam para lá da primária. A tradição cede à crise das feiras, que obriga a novas competências. Projeto pioneiro levou este ano 11 jovens para a universidade

# Mulheres. Ciganas. Universitárias

Texto **RAQUEL MOLEIRO**  
e **SORAIA PIRES**  
Foto **NUNO BOTELHO**

Este é o último fim de semana das férias de Páscoa. Na segunda-feira, Teresa Vieira, 26 anos, volta a fazer o trajeto diário de carro até à estação do Pinhal Novo e daí de comboio até Lisboa, para as aulas de Sociologia no ISCTE. Tudo normal, se ela não fosse cigana. Mulher cigana não anda sozinha, não conduz, não estuda além da quarta classe. Mulher cigana casa cedo, cuida da casa, dos filhos, do marido, vai para o mercado. Mas a tradição está a mudar, devagarinho. “As feiras deixaram de dar dinheiro. Antes, os meus pais faziam mil contos num dia. Hoje, nem 10 euros se for preciso. As grandes superfícies destruíram o negócio e eles perceberam que tinha de estudar. O meu pai confiou em mim e eu sou 100% certinha.”

A necessidade de assegurar a retidão do comportamento é a marca da educação que teve, da etnia que tem. Teresa orgulha-se em ser cigana mas a tradição não se orgulha de ela estudar. “Ninguém me atira pedras mas eu

não sou a mulher ideal para ninguém, nem a nora que alguém queira”, explica. Mesmo sendo “cigana 24 horas por dia”, ousou sair debaixo das saias da comunidade, misturar-se com a “comunidade maioritária” e “ser mal vista” por isso. Sente-se diferente de um lado e do outro.

Na cabeça de Teresa o conflito é evidente. Foi por vontade dela que levou os estudos muito para lá do habitual, e agora sente o reverso da conquista. “As minhas primas e amigas estão todas casadas. Praticamente já não há rapazes solteiros da minha idade.” Rapazes ciganos. Ela não equaciona casar fora da comunidade.

Entrou na universidade em setembro de 2015, integrada no Opré Chavalé — “Erguei-vos jovens”, em romani —, o primeiro projeto nacional de integração de jovens de etnia cigana no ensino superior. Promovido pela Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, em parceria com a associação Letras Nómadas, apresentou esta semana o balanço do grupo piloto: 11 jovens sub-30, seis rapazes e cinco raparigas, integrados em universidades de todo o país, terminaram todos o primeiro semestre com aproveitamento. Entre os cursos dominam a Animação Sociocultural e Serviço Social — querem ser media-

dores dentro da comunidade —, mas há também Eletrónica e Automação Naval, Segurança Alimentar e Gestão de Recursos Humanos.

O quase equilíbrio de sexos é enganador. A conquista das mulheres ciganas obrigou a derrubar muito mais barreiras. Portugal tem a maior disparidade de género na comunidade, lê-se no último estudo da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia: 45% das mulheres com 16 ou mais anos são analfabetas em comparação com 23% dos homens, e 40% das mulheres nunca foram à escola,

**“É ISSO QUE DIGO AOS PAIS, QUE OS FILHOS PODEM SER TUDO AQUILO QUE QUEREM SER SEM DEIXAR DE SER QUEM SÃO”, EXPLICA OLGA MARIANO**

o que só acontece a 21% dos homens.

A seleção do grupo de estudantes não passou por uma inscrição normal. Foram ‘buscá-los’ a casa. Quem trabalha junto das comunidades referenciou os jovens que reuniam as condições de candidatura — 12º ano ou mais de 23 anos e o 9º ano. Depois, um a um foram visitados por dois mediadores ciganos do projeto. Não os visitaram a eles, mas às famílias. A permissão só pode vir daí. “Com o fim das feiras, a atitude perante a educação está a mudar. Há cada vez mais consciência de que é a chave para mudar o seu futuro, e que não perdem a identidade cigana por continuarem a estudar”, explica Olga Mariano, 66 anos, presidente da Associação Letras Nómadas.

## A ‘estranha’ universidade

Ela sabe do que fala. Foi depois de enviuvar que mudou o currículo escolar que tinha parado na 4ª classe. Em troca do Rendimento Mínimo Garantido frequentou uma formação para mediadoras culturais. Foi, e ao ir começou um novo caminho. Somou cursos de reconhecimento de competências até completar o 12º ano. “E nunca me afastei um milímetro da minha cultura. É isso que digo aos pais, que os filhos podem ser tudo aquilo que querem ser sem deixarem de ser quem são. A máxima de que ‘cada um é para o que nasce’ não é verdadeira.”

No grupo piloto que se formou, Teresa Vieira deixou de se sentir diferente. Conheceu a Cátia, do Algarve; a Luana, de Viana do Castelo; a Tânia, da Figueira da Foz. E o Francisco, o Benjamim, o José, o Eduardo, o Manuel, o Bruno. Ali é igual na diferença. Nos primeiros meses, mais do que ajudá-los a estudar para os exames de admissão, o projeto Opré Chavalé capacitou-os para a realidade da universidade: na sua comunidade são pioneiros, não têm quem lhes explique o que é o mundo académico. São estranhos num mundo estranho que começa agora a ser deles.

“O Opré Chavalé é um projeto com um impacto fantástico, que quebra o ceticismo da comunidade. Mas é preciso que se prolongue, que passe a programa”, analisa Piménio Teles, membro do Conselho Consultivo do Observatório das Comunidades Ciganas. Ainda não está assegurada a continuidade do projeto, que não avança sem entidades que o financiem. Os alunos têm as propinas e os transportes pagos para o primeiro

## NÚMEROS

# 11

jovens ciganos sub-30 entraram na universidade no ano letivo 2015-2016, integrados no projeto Opré Chavalé, da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres e associação Letras Nómadas

# 60 mil

serão, aproximadamente, os ciganos portugueses, a maioria sedentários, segundo a Estratégia Nacional Para a Integração dos Ciganos em Portugal (ACIDI, 2013)

ano de curso. Mas o apoio acaba aí.

“Nenhum destes 11 estaria na universidade sem o projeto. Estes jovens existem, só precisam de ser incentivados”, garante Piménio. Já há, aliás, uma lista de candidatos em espera. O sucesso do grupo piloto e o passa-palavra dentro dos bairros acordou sonhos um pouco por todo o país. E até na casa de Olga Mariano. Ontem foi ao ISCTE entregar a sua candidatura à universidade. Vai licenciar-se em Serviço Social. É só mais uma barreira que cai. “Sou cigana, uma barreira; sou mulher, outra barreira; sou viúva, outra barreira; tenho 66 anos, outra barreira. Agora vou ler e escrevo todos os dias, mas o sonho da cigana, o meu sonho, é casar, ter filhos, ser dona de casa. E já estou a passar da idade.” A maioria das meninas ciganas ainda decide como ela.

No Fogueteiro, no prédio a seguir ao de Olga, Teresa Amorim, 19 anos, fez outra escolha. Aluna de cinco, parou no 8º ano. Era já a única rapariga cigana da E.B. Paulo da Gama. Um dia, na rua, uma viúva disse-lhe que era falada. E a tradição falou mais alto. “O nosso futuro depende da opinião dos outros. Saí. Hoje não me faz falta. Adoro ler e escrevo todos os dias, mas o sonho da cigana, o meu sonho, é casar, ter filhos, ser dona de casa. E já estou a passar da idade.” A maioria das meninas ciganas ainda decide como ela.